

¹Doutor em Medicina. Diretor Científico de SOBRAMFA. ORCID: 0000-0001-8682-8770.

²Doutora em Medicina. Diretora de Publicações de SOBRAMFA. ORCID: 0000-0003-3958-7438.

Escrever e publicar: Um dever de consciência, um espaço para a reflexão necessária

Escribir y publicar: Un deber de conciencia, un espacio de necesaria reflexión

Writing and Publishing: A Duty of Conscience, a Space for Necessary Reflection

Pablo González Blasco, * María Auxiliadora C. De Benedetto. **

A presente edição de *Archivos* nos oferece casos diversos, variados, aparentemente sem conexão. Um caso difícil, intrincado, que acabou revelando-se como um cenário único de comunicação. Uma dúvida de uma estudante de secundário que, em conversa com a professora de Filosofia, encontrou-se com Gregório Marañon e acalmou sua ansiedade profissional. O testemunho escrito de professores experientes que nos ofereceram suas reflexões nas reuniões mensais de Educação Médica e Humanismo na SOBRAMFA.¹

A falta de conexão é apenas aparente, porque todos eles têm algo em comum, importantíssimo, que destacamos nestas linhas: estar escrito, ou seja, plasmado no papel, como resultado do exercício de um processo reflexivo, atitude essa conhecida em língua inglesa como *Reflective Practitioner* e que o nosso saudoso e inesquecível Prof. Decourt traduzia como “exercício filosófico da profissão”.²

Podemos pensar que o ato de escrever é decorrente apenas da importância de publicar uma experiência, quer dizer, torná-la pública e, portanto, útil e passível de ser reproduzida. Isto, sem dúvida, é muito relevante, porém, não é tudo. E talvez nem seja o mais importante. A questão é mais profunda e complexa.

Publicar, tornar público e documentar representam muito mais do que uma conquista para enriquecer o currículo pessoal. Trata-se de um dever de integridade científica e moral que consiste em compartilhar conhecimentos e propiciar que outros avancem a partir do lugar ao qual nós chegamos. A História nos oferece exemplos numerosos. Somente quem documenta os fatos transforma-os em História, permitindo que outros avancem. Chegar até as costas do novo mundo, como diz a lenda que os Vikings fizeram, não teve relevância porque seu feito não foi documentado. A descoberta de Colombo, as viagens dos navegadores da Península Ibérica e a volta ao mundo de Magalhães, que neste ano comemora 5 séculos, fizeram a diferença porque foram detalhadamente registradas.

Em sua magnífica biografia de Fernão de Magalhães, Stefan Zweig³ Eressalta a importância daquele italiano, Antonio Pigafetta, poeta distraído e inábil para a navegação, porém perspicaz observador dos

acontecimentos. Se alguém não o descreve, qual é o valor de um fato? Porque um fato histórico não encontra sua plenitude na execução imediata, mas na circunstância de ser transmitido para o futuro... Se não existisse o cronista que confere permanência aos fatos, nada saberíamos de Magalhães e da sua imensa façanha – anota Zweig. Por conseguinte, a necessidade de escrever é para o médico -que exerce a profissão com postura filosófica- uma exigência que ultrapassa o dever de tornar público o seu atuar. É o ingrediente necessário para que a reflexão cristalize e se torne fecunda. Alguém já comentou que quando falamos, tornamo-nos claros para os outros; no entanto, quando escrevemos, fazemo-nos claros para nós mesmos! Não escrever é renunciar a uma reflexão pessoal e íntima que nos permite a própria construção como profissional.

Evidentemente, ninguém simplesmente opta por não escrever. Existe o desejo de compartilhar e de refletir acerca do que foi vivenciado, mas são tantas as tarefas a fazer e o tempo é sempre tão escasso... E os bons desejos ficam apenas nisso: desejos bons, maravilhosos, mas infecundos. Desses é dito que o inferno está cheio!

A questão é: como encontrar tempo para escrever nesse turbilhão de trabalho diário? Uma lembrança de nossa participação em um congresso médico nos EUA há quase 20 anos, onde nos encontramos com o editor de uma conceituada revista, acode à memória. Perguntamos a ele como os médicos de “chão de fábrica” poderiam encontrar tempo para escrever. Porque uma coisa é ser editor de revista -onde o trabalho consiste em escrever e revisar o que outros produzem- e outra é estar na trincheira, no fogo cruzado da ação clínica diária. A resposta veio sem hesitação: “Tomem notas, não deixem -- escapar nenhuma ideia. Acumulem isso. E em um bom dia, surge o tema, a melodia, e de bate pronto, com essa inspiração vocês conseguirão colocar num artigo todas aquelas anotações. E essas serão um retrato da vida real, porque não procedem da teoria acumulada na mesa do escritório, mas, sim, da experiência acumulada no desempenho quotidiano”. Nunca mais esquecemos desse conselho. E o colocamos em prática, admirando neste momento os resultados.⁴

Encontrar tempo para escrever e publicar é blindar o tempo para a necessária e imprescindível reflexão. O tema candente da desumanização da medicina é, principalmente, um assunto de esquecimento, de distração, de carência de tempo reflexivo. Esquecemos o que importa, para distrairmo-nos com o periférico. Bem apontava Hannah Arendt que a atividade de refletir é o que nos defendia de cair na mesmice, ou pior, na banalidade do mal. “As maiores catástrofes da história, não são produzidas por demônios malignos, mas por homens comuns que abrem mão da capacidade de refletir” – anota a filósofa alemã.⁵

Temos muitos motivos para não encontrar tempo para escrever e, conseqüentemente, abdicar da reflexão. Mas nenhum deles é consistente. Ocupados com o muito fazer, descuidamo-nos do que é essencial, da mesma forma como aquele paciente -real- que confessou ter ficado várias vezes na estrada, porque “não tinha tempo de parar e colocar gasolina por estar com pressa”. As palavras de Santo Agostinho se encaixam com perfeição: “*Bene curris, sed extra viam*”. Corres bem, mas fora do caminho. O que significa correr muito para, no fundo, enxugar gelo. Evocamos os dizeres dos toureiros de outras épocas, quando se preparavam com aqueles trajes brilhantes e complicados para

sair a enfrentar o touro. Diziam ao ajudante: “Vestime devagar, que estou com pressa”. E, também, sem dúvida, a experiência vital de quem publica em sites ou blogs próprios, sabendo que o maior leitor do que escreve será ele mesmo... Para não esquecer o que, no seu dia, pensou!

Toureiros, Agostinho de Hipona, postos de gasolina, filósofos e cronistas, toda uma corte, enganchada na História, que nos convida a escrever e optar por construir o verdadeiro exercício filosófico da medicina sem nunca nos abstermos da reflexão que nos defende da perigosa e sorradeira banalidade do mal.

Referências

1. SOBRAMFA. <https://sobramfa.com.br/cientifico/reuniao-formacao-humanistica/>
2. Decourt LV. A Didática Humanista do Professor. São Paulo: Atheneu; 2005.
3. Zweig S. Fernão de Magalhães. O homem e sua ação. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara; 1951.
4. SOBRAMFA. <https://sobramfa.com.br/cientifico/artigos/>
5. Blasco PG. Commentary on Hannah Arendt. Acad Med. 2016; 91: 675 - 675. doi: 10.1097/01.ACM.0000482810.25929.e4.